

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA — UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS — CCT
BACHARELADO EM CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO — BCC

VINÍCIOS BIDIN SANTOS

INFERÊNCIA DE TIPOS PARA CPS

JOINVILLE

2025

VINÍCIOS BIDIN SANTOS

INFERÊNCIA DE TIPOS PARA CPS

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade do Estado de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Ciência da Computação

Orientador: Cristiano Damiani Vasconcellos

Coorientador: Paulo Henrique Torrens

JOINVILLE

2025

Para gerar a ficha catalográfica de teses e
dissertações acessar o link:
<https://www.udesc.br/bu/manuais/ficha>

Santos, Vinícios Bidin
Inferência de tipos para CPS / Vinícios Bidin Santos.
-- Joinville, 2025.
34 p. il.; 30 cm.

Orientador: Cristiano Damiani Vasconcellos.
Coorientador: Paulo Henrique Torrens.
Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade
do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências
Tecnológicas, Bacharelado em Ciência da Computação,
Joinville, 2025.

1. Inferência de Tipos. 2. Estilo de Passagem de
Continuação. 3. Algoritmo W. 4. Damas-Milner. 5. Haskell.
I. Vasconcellos, Cristiano Damiani . II. Torrens, Paulo
Henrique . III. Universidade do Estado de Santa Catarina,
Centro de Ciências Tecnológicas, Bacharelado em Ciência
da Computação. IV. Título.

VINÍCIOS BIDIN SANTOS

INFERÊNCIA DE TIPOS PARA CPS

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade do Estado de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Ciência da Computação

Orientador: Cristiano Damiani Vasconcellos

Coorientador: Paulo Henrique Torrens

BANCA EXAMINADORA:

Orientador:

Dr. Cristiano Damiani Vasconcellos
UDESC

Coorientador:

Me. Paulo Henrique Torrens
University of Kent

Membros:

Dra. Karina Girardi Roggia
UDESC

Me. Gabriela Moreira
UDESC

Joinville, Novembro de 2025

A todos que me apoiaram nesses anos!

“Eu sou a senhora Marocas.”

(Senhora Marocas — Toy Story, [1995])

RESUMO

No contexto de compiladores, as representações intermediárias desempenham um papel fundamental, especialmente em ambientes de produção. O *Continuation Passing Style* (CPS) é uma dessas representações, notável para linguagens funcionais devido às otimizações avançadas que permite. Contudo, há uma escassez de pesquisas e implementações dessa IR com termos devidamente tipados, o que impede a detecção de uma gama de erros durante as etapas de compilação. Este trabalho, portanto, explora a formalização de um sistema de tipos para o CPS e o desenvolvimento de um algoritmo de inferência de tipos para essa representação, juntamente com sua implementação na linguagem de programação Haskell.

Palavras-chave: Inferência de Tipos, Estilo de Passagem de Continuação (CPS), Damas-Milner, Haskell, Sistema de Tipos.

ABSTRACT

In the field of compiler, intermediate representations (IR) play a fundamental role, particularly in production environments. Continuation Passing Style (CPS) is one such representation, notable for functional languages due to the advanced optimizations it enables. However, research and implementations of CPS with well-typed terms remain limited, which restricts the detection of certain classes of errors during compilation stages. This work investigates the formalization of a type system for CPS and develops a type inference algorithm for this representation, along with its implementation in the Haskell programming language.

Keywords: Type Inference, Continuation Passing Style (CPS), Damas-Milner, Haskell, Type System.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sequência de representações intermediárias	15
Figura 2 – Regras de aplicação da substituição de tipos	26
Figura 3 – Regras de Inferência do sistema Damas-Milner	27
Figura 4 – Algoritmo de unificação no formato de função.	28
Figura 5 – Algoritmo de verificação de ocorrência no formato de função.	28
Figura 6 – Algoritmo W no formato de função.	29

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IR	Intermediate Representation
CPS	Continuation Passing Style
SSA	Static Single Attribution
ANF	Administrative Normal Form

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVO GERAL	13
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
1.3	METODOLOGIA	13
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	REPRESENTAÇÃO INTERMEDIÁRIA DE CÓDIGO	15
2.1.1	CPS	15
2.2	TEORIA DE TIPOS	21
2.3	CÁLCULO LAMBDA SIMPLEMENTE TIPADO	23
2.4	SISTEMA DAMAS-MILNER	24
2.4.1	Algoritmo W	27
3	DESENVOLVIMENTO	31
3.1	FORMALIZAÇÃO	31
3.2	IMPLEMENTAÇÃO	32
3.3	RESULTADOS	32
3.4	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A compilação de programas envolve diversas fases, cada uma com funções específicas, como análise léxica, análise sintática, análise semântica, otimizações, e, finalmente, a geração de código. Uma etapa crítica nesse processo é a otimização, que frequentemente se baseia em representações intermediárias (IRs). Essas representações atuam como ponte entre o código fonte e o código de máquina, permitindo que transformações e otimizações sejam aplicadas de maneira mais eficaz (PLOTKIN, 1975).

As representações intermediárias variam conforme o paradigma da linguagem de programação. Para linguagens imperativas, a Representação em Atribuição Única Estática (SSA) é amplamente adotada. Já em linguagens funcionais, a Forma Normal Administrativa (ANF) e o Estilo de Passagem de Continuação (CPS) se destacam. Este trabalho foca especificamente no CPS, uma IR que oferece vantagens particulares em termos de otimização e simplicidade na geração de código.

Essas características do CPS se tornam ainda mais evidentes quando comparamos como diferentes linguagens lidam com o fluxo de execução. Em linguagens de alto nível, por exemplo, a pilha de chamadas atua como uma abstração fundamental para gerenciar o controle de retorno das funções. No entanto, em linguagens de baixo nível, como *assembly*, não há tal abstração, exigindo que o controle do fluxo seja manualmente tratado por meio de endereços de retorno.

Nesse contexto, o CPS se destaca ao tornar as continuações explícitas no código. Ao invés de confiar na pilha de chamadas para gerenciar retornos, o CPS introduz um parâmetro adicional em cada função, representando a continuação — isto é, o que deve ser feito com o resultado da função (KENNEDY, 2007). Desta forma, em vez de simplesmente retornar um valor diretamente, a função invoca essa continuação, transferindo explicitamente o controle à próxima etapa da computação. Isso elimina a dependência da pilha de chamadas, simplificando o modelo de execução e tornando-o mais alinhado com as necessidades de linguagens de baixo nível.

Além disso, a adoção do CPS como representação intermediária vai além da tradução de linguagens de alto nível para código de máquina. O CPS facilita a aplicação de otimizações avançadas, como a eliminação de chamadas de cauda e a fusão de funções, além de permitir uma correspondência mais direta com o código gerado em linguagens de montagem (FLANAGAN et al., 1993).

Por outro lado, um ponto importante a ser considerado é que, apesar de existirem sistemas de tipos para CPS, como o proposto por Thielecke (1997) - um sistema de tipos monomórfico, muitas implementações deste, optam por uma representação não tipada (MORRISETT et al., 1999). Embora essa abordagem simplifique a implementação inicial, ele pode comprometer a segurança e a correção do código. Um sistema de tipos robusto pode não apenas garantir a correção de certas transformações e otimizações, mas também identificar uma classe inteira de erros antes da execução, proporcionando assim maior confiabilidade ao processo de compilação.

Diante dessas considerações, este trabalho propõe apresentar e desenvolver uma formalização de um sistema de tipos para CPS, bem como um algoritmo de inferência de tipos para o mesmo. A escolha da linguagem de programação para a solução proposta será Haskell. Por ser uma linguagem funcional pura fortemente tipada, possui características desejáveis, como transparência referencial (SØNDERGAARD; SESTOFT, 1990) e um sistema de tipos robusto para explorar as vantagens do CPS e aplicar o sistema de tipos de maneira rigorosa. Dessa forma, a escolha de Haskell não apenas facilita o desenvolvimento de uma implementação segura e eficiente do CPS, como também conta com garantias de segurança que são fundamentais para o sucesso deste trabalho.

1.1 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo formalizar uma extensão para o sistema de tipos para CPS proposto por Thielecke (1997), adicionando polimorfismo e investigar a possibilidade de propor um algoritmo de inferência, para esta representação intermediária.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Formalizar um sistema de tipos para CPS com suporte a polimorfismo;
- Propor e implementar em Haskell um algoritmo de inferência de tipos para CPS;
- Validar a implementação do algoritmo por meio do teste de inferência para expressões. Se possível, realizar a geração de programas para verificação de que o algoritmo infere corretamente os tipos a eles.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consistirá em duas principais etapas: pesquisa bibliográfica e implementação. A primeira etapa envolve uma extensa revisão de literatura sobre continuções e seu cálculo, bem como um aprofundamento no estudo de sistemas de tipos, com o objetivo de proporcionar uma compreensão completa ao autor. A segunda etapa trata da formulação do algoritmo de inferência para o cálculo de continuções, junto com sua implementação.

No escopo deste trabalho, a validação do algoritmo se dará por meio de testes de implementação. Em etapa posterior, serão necessárias as provas de consistência e de completude do algoritmo em relação ao sistema de tipos proposto.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta primeira etapa consistiu principalmente na fundamentação teórica e revisão bibliográfica no estudo de CPS e sistemas de tipos. Em razão disto, o Capítulo 2 contém os conceitos

e definições necessários para entendimento do tema. Este é separado em seções, tal que a Seção 2.1 aborda representação intermediária, com um aprofundamento em CPS na Subseção 2.1.1. Teoria de tipos é então apresentada na Seção 2.2, detalhando o Cálculo Lambda Simplesmente Tipado na Seção 2.3 Um aprofundamento no sistema Damas-Hindley-Milner na Seção 2.4, discutindo de maneira mais específica o algoritmo W na Subseção 2.4.1. O Capítulo 3 conta com o desenvolvimento do trabalho descrito e proposto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 REPRESENTAÇÃO INTERMEDIÁRIA DE CÓDIGO

Um compilador é um programa responsável por traduzir um código escrito em uma linguagem de programação para outra, geralmente do código-fonte para código de máquina, permitindo assim a execução do programa. Durante esse processo, é fundamental que o mínimo de informações seja perdido, uma vez que a semântica original deve ser preservada no processo de tradução. Uma abordagem comum utilizada para manter a integridade semântica e possibilitar otimizações, são as representações intermediárias (IR, do inglês *intermediate representation*) (COOPER; TORCZON, 2014).

Compiladores modernos, amplamente utilizados na indústria, empregam mais de uma IR para tirar proveito das vantagens de cada uma, uma vez que essas representações são projetadas para diferentes objetivos, como otimizações específicas. As IRs podem ser classificadas de acordo com o nível de abstração e são comumente aplicadas em sequência. Representações com um nível maior de abstração são usadas próximas ao código-fonte, enquanto aquelas de nível mais baixo estão mais próximas do código de máquina (AHO et al., 2008), como ilustrado na Figura 1.

Uma das principais informações que deve ser preservada em uma IR é o fluxo de controle, isto é, a ordem em que as instruções do programa são executadas, como chamadas de função, *loops* e condições. Para garantir que o compilador mantenha a semântica correta do programa, o fluxo de controle deve ser repassado de alguma maneira durante o processo de tradução (COOPER; TORCZON, 2014). Uma das maneiras disso ser feito explicitamente é com o uso de continuações, que são funções que descrevem o próximo passo de uma computação em um ponto particular da execução do programa.

2.1.1 CPS

O estilo de passagem de continuações (CPS, do inglês *continuation passing style*) é uma técnica de transformação de código que torna o fluxo de controle de um programa explícito, ao converter o estilo convencional de chamadas de função em chamadas que passam explicitamente o controle para a próxima etapa, conhecida como continuação (do inglês, *continuation*) (APPEL, 1992). Em vez de retornar diretamente o resultado de uma função, o CPS transforma cada função para que, ao finalizar sua computação, ela invoque uma continuação, que representa o próximo passo a ser executado no programa. Assim, toda chamada de função se torna uma chamada de

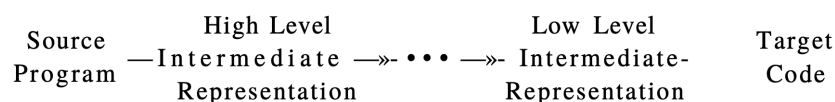


Figura 1 – Sequência de representações intermediárias
Fonte: (AHO et al., 2008)

cauda.

Uma chamada de cauda (do inglês *tail call*) ocorre quando a última instrução executada em uma função é uma chamada a outra função, sem que restem computações adicionais a serem feitas após essa chamada (MUCHNICK, 1997). Isso permite que a função atual libere seu quadro de ativação, otimizando o uso de memória, já que o compilador não precisa manter o estado da função anterior na pilha. Em contraste, uma chamada que não é de cauda ocorre quando ainda restam operações após a chamada, como somas ou multiplicações, o que exige que o quadro de ativação da função atual permaneça na pilha até a conclusão dessas operações.

Na Figura 2.1, o exemplo da função fatorial demonstra uma chamada que não é de cauda, pois a chamada recursiva `factorial (n - 1)` não é a última operação a ser realizada. A função precisa aguardar o retorno desta chamada para, então, multiplicar o resultado por `n`, o que impede a liberação do quadro de ativação até o término da multiplicação.

Em contraste, na Figura 2.2 como exemplo, tem-se uma versão da função fatorial que utiliza chamada de cauda. A função auxiliar `go` acumula o valor do cálculo diretamente em seu argumento `a`, e a chamada recursiva `go (n - 1) (a * n)` é a última instrução a ser executada. Como não há operações pendentes após a chamada recursiva, o compilador pode otimizar a função, reutilizando o quadro de ativação da função `go` para a chamada subsequente, tornando o cálculo mais eficiente.

```
1 factorial :: Int -> Int
2 factorial 0 = 1
3 factorial n = n * factorial (n - 1)
```

Listing 2.1 – Função fatorial em Haskell

```
1 go :: Int -> Int -> Int
2 go 1 a = a
3 go n a = go (n - 1) (a * n)
4
5 factorial :: Int -> Int
6 factorial 0 = 1
7 factorial n = go n 1
```

Listing 2.2 – Função fatorial em Haskell com chamada de cauda

O cálculo lambda, definido por Church (1932), é um sistema formal que serve como base para a maioria das linguagens funcionais. Ele é capaz de representar qualquer computação utilizando abstrações e aplicações através de reduções. Sua sintaxe consiste em três regras simples que definem os elementos principais do sistema: variável, abstração e aplicação, conforme apresentados a seguir:

$$e ::= x \mid \lambda x. e \mid ee \quad (1)$$

A partir dessa sintaxe, um termo e pode possuir apenas uma das três formas. A primeira forma refere-se às variáveis, que representam identificadores no sistema. A segunda forma, chamada de abstração, define uma função lambda: uma função que associa o identificador x a um termo e , seu corpo, com x vinculado ao termo e . Finalmente, a aplicação ocorre quando um termo e é aplicado a outro e , representando a chamada de uma função.

No cálculo lambda, as variáveis podem ser classificadas como livres ou ligadas, dependendo de seu contexto em um termo. Variáveis são consideradas livres quando não estão associadas a uma abstração de função. Por exemplo, no termo $\lambda x.y$, a variável y é livre, pois não está ligada a nenhum parâmetro introduzido. Em contraste, no termo $(\lambda x.x)y$, a variável x está ligada dentro do corpo da abstração, enquanto y permanece livre. Um termo sem variáveis livres é denominado fechado ou combinador; por exemplo, $\lambda x.\lambda y.xy$ é um combinador, pois todas as variáveis estão ligadas às suas respectivas abstrações.

Para avaliar expressões no cálculo lambda, usamos três tipos de redução: α , β e η , que seguem as seguintes definições:

α -redução: Renomeação de variáveis ligadas.

$$\lambda x.e \rightarrow \lambda y.e[y/x] \quad (2)$$

Note que, $e[y/x]$ indica a substituição de todas as ocorrências ligadas de x por y em e , desde que y não ocorra livre em e . Por exemplo, $\lambda x.x + z \rightarrow_{\alpha} \lambda y.y + z$.

β -redução: Aplicação de função.

$$(\lambda x.e_1)e_2 \rightarrow e_1[e_2/x] \quad (3)$$

Aqui, $e_1[e_2/x]$ denota a substituição de todas as ocorrências ligadas de x em e_1 por e_2 . Para evitar conflitos com variáveis livres em e_2 , aplica-se α -redução prévia. Por exemplo, em $(\lambda x.\lambda y.x + y)(y + 1)$, renomeia-se y para z na abstração interna:

$$(\lambda x.\lambda z.x + z)(y + 1) \rightarrow_{\beta} \lambda z.(y + 1) + z.$$

η -redução: Expansão de função.

$$\lambda x.(ex) \rightarrow_{\eta} e \quad \text{se } x \notin \text{FV}(e) \quad (4)$$

Tal que $\text{FV}(e)$ denota as variáveis livres em e . Por exemplo, $\lambda x.(\lambda y.y + 1)x \rightarrow_{\eta} \lambda y.y + 1$.

As reduções são responsáveis pela semântica operacional do cálculo lambda. A α -redução permite a renomeação de variáveis ligadas, enquanto a β -redução descreve a aplicação de funções, substituindo o parâmetro da função por um valor passado como argumento. Por fim, a η -redução lida com a simplificação de funções quando elas aplicam diretamente seu argumento.

A transformação para CPS se baseia nessa estrutura formal. No cálculo lambda tradicional, o fluxo de execução é implícito: as funções são aplicadas e seus resultados são retornados

automaticamente. No entanto, no CPS, o fluxo de controle é explicitamente representado como uma série de chamadas a funções. Cada função, em vez de retornar diretamente um valor, recebe um argumento extra, a continuação, que indica o próximo passo da computação.

Por exemplo, a expressão $\lambda x.x + 1$ no cálculo lambda tradicional retornaria o valor $x + 1$. Ao transformar essa expressão para CPS, ela se torna $\lambda x.\lambda k.k(x + 1)$.

Aqui, k é a continuação que processa o resultado $x + 1$. Ao converter funções para CPS, o fluxo de controle do programa passa a ser gerenciado de forma explícita através de chamadas de função que encadeiam as etapas subsequentes. Essa transformação traz diversas vantagens no contexto de compiladores, pois torna explícitas as informações normalmente implícitas na pilha de execução e, assim, abre espaço para a aplicação de uma série de otimizações (APPEL, 1992).

Em primeiro lugar, o CPS expõe todas as chamadas de cauda, permitindo a eliminação de recursividade em cauda (TCO, do inglês *tail-call optimization*). Essa otimização possibilita que chamadas recursivas sejam realizadas sem o acúmulo de quadros de ativação na pilha, reduzindo o uso de memória e evitando estouros de pilha em programas fortemente recursivos.

Além disso, a natureza explícita das chamadas em CPS favorece a expansão *inline* de funções. Como cada chamada é clara e separada, o compilador pode substituir uma chamada de função por sua definição diretamente, reduzindo o *overhead* de chamadas e potencialmente expondo outras oportunidades de otimização.

Outro ponto importante é a representação de *closures*. Em CPS, como todo o contexto necessário à computação é passado de maneira explícita, o compilador consegue construir e manipular *closures* com maior eficiência, uma vez que o ambiente da função está sempre disponível e bem definido.

A transformação para CPS também facilita a alocação de registradores. Com o fluxo de controle explicitado, o compilador pode prever melhor o tempo de vida das variáveis e organizar os dados de forma que o uso de registradores seja maximizado e o número de acessos à memória minimizado (APPEL, 1992).

Por fim, como todo o fluxo de execução é expresso por chamadas encadeadas, o código gerado permite análises estáticas mais precisas. O compilador pode, por exemplo, detectar com mais facilidade padrões de execução, dependências entre expressões e oportunidades de reordenação ou eliminação de código redundante.

Dessa forma, a conversão para CPS não apenas preserva a semântica da computação original, mas também fornece ao compilador uma estrutura rica e detalhada para aplicar otimizações de maneira eficaz.

O cálculo de continuações (do inglês, *CPS-calculus*), conforme definido por Thielecke (1997), é um sistema formal que leva o CPS além de seu uso tradicional como uma técnica de transformação de código, tratando-o como um modelo computacional por si só. Enquanto o CPS é utilizado como uma IR em compiladores, o cálculo de continuações oferece uma estrutura para raciocinar formalmente sobre computações onde o fluxo de controle é explicitamente representado. Os termos do cálculo de continuações, chamados de comandos, são descritos pelas

seguintes regras:

$$M ::= x\langle\vec{x}\rangle \mid M\{x\langle\vec{x}\rangle = M\} \quad (5)$$

Aqui, $x\langle\vec{x}\rangle$ representa um salto (do inglês *jump*), isto é, uma chamada para a continuação x com os parâmetros \vec{x} , sendo essencialmente uma chamada direta para a continuação, enquanto $M\{x\langle\vec{x}\rangle = M\}$ representa um vínculo (do inglês *binding*), onde o corpo M está vinculado à continuação x com os parâmetros \vec{x} , isto é, uma chamada intermediária que, ao ser chamada, executará o próximo passo da computação. Vale ressaltar que Appel e Jim (1997) possuem uma sintaxe diferente para o cálculo de continuações, onde os termos são respectivamente representados como $k(\vec{x})$ e $\text{let } k(\vec{x}) = c \text{ in } b$.

A tradução para CPS converte um código escrito em estilo direto (onde o controle de fluxo é implícito) para o estilo de passagem de continuações (FLANAGAN et al., 1993). A principal ideia por trás dessa transformação é modificar as funções para que elas não retornem um valor diretamente, mas, em vez disso, passem o resultado para uma continuação.

```
1 add :: Int -> Int -> Int
2 add x y = x + y
```

Listing 2.3 – Função soma em Haskell em Estilo Direto

```
1 addCps :: Int -> Int -> (Int -> r) -> r
2 addCps x y k = k (x + y)
```

Listing 2.4 – Função soma em Haskell em Estilo Direto

Por exemplo, a Figura 2.3 apresenta um programa na linguagem Haskell que soma dois números no estilo direto, retornando o valor após realizar o cálculo. Já a Figura 2.4 mostra um programa equivalente em CPS. Nesta versão, o controle de fluxo do programa é explícito, pois a função k é chamada para processar o resultado da soma dos argumentos.

```
1 sub :: Int -> Int -> Int
2 sub x y = x - y
3
4 mult :: Int -> Int -> Int
5 mult x y = x * y
6
7 factorial :: Int -> Int
8 factorial 0 = 1
9 factorial n = mult n (factorial (sub n 1))
```

Listing 2.5 – Função fatorial em Haskell em Estilo Direto

```
1 subCps :: Int -> Int -> (Int -> r) -> r
2 subCps x y k = k (x - y)
```

```

3
4 multCps :: Int -> Int -> (Int -> r) -> r
5 multCps x y k = k (x * y)
6
7 factorialCps :: Int -> (Int -> r) -> r
8 factorialCps 0 k = k (1)
9 factorialCps n k =
10   subCps n 1 (\nMinus1 ->
11     factorialCps nMinus1 (\factNMinus1 ->
12       multCps n factNMinus1 k))

```

Listing 2.6 – Função fatorial em Haskell em CPS

Para ilustrar melhor, a Figura 2.5 apresenta um programa em Haskell que calcula o fatorial no estilo direto, utilizando funções definidas para multiplicação e subtração. Na Figura 2.6, um programa similar em CPS é definido, com as funções auxiliares também transformadas para CPS. Na função `factorialCps` é possível notar duas funções lambda (continuações), `nMinus1` e `factNMinus1`. A primeira continuação guarda o resultado da operação $n - 1$, enquanto a segunda recebe recursivamente o cálculo do fatorial de $n - 1$, multiplica por n e finalmente passa o resultado para a continuação k .

Outro fato importante a ser observado nos códigos apresentados é a tipagem das funções. Na função de soma, definida na Figura 2.3, a função tem tipo $\text{Int} \rightarrow \text{Int} \rightarrow \text{Int}$, ou seja, ela recebe dois inteiros e retorna um inteiro. Já a função de soma em CPS, definida na Figura 2.4, possui o tipo $\text{Int} \rightarrow \text{Int} \rightarrow (\text{Int} \rightarrow r) \rightarrow r$. Isso significa que a função recebe dois inteiros e uma continuação, que é uma função de tipo $\text{Int} \rightarrow r$, onde r pode ser qualquer tipo, e retorna esse mesmo tipo r .

Essa transformação de tipo reflete a diferença fundamental entre o estilo direto e o CPS: em vez de retornar um valor diretamente, a função em CPS recebe uma continuação que especifica o próximo passo da computação. O mesmo padrão pode ser observado nas funções para o cálculo do fatorial nas Figuras 2.5 e 2.6. No estilo direto, a função `factorial` tem o tipo $\text{Int} \rightarrow \text{Int}$, enquanto na versão CPS, a função `factorialCps` tem o tipo $\text{Int} \rightarrow (\text{Int} \rightarrow r) \rightarrow r$.

Essa correspondência entre os tipos não é uma coincidência. Como discutido por (TORRENS, 2019), uma função em estilo direto com tipo $A \rightarrow B$ pode ser transformada em uma função em CPS com o tipo $A \rightarrow (B \rightarrow \perp) \rightarrow \perp$. Aqui, \perp representa o tipo dos valores que nunca retornam, uma característica associada ao estilo de passagem de continuações, onde as funções são compostas de forma a encadear continuações até que a execução termine de maneira explícita.

Este exemplo simples da função fatorial em CPS ilustra as dificuldades inerentes ao uso de continuações explícitas, como a verbosidade do código, complexidade de compreensão e a propensão a erros. No entanto, apesar desses desafios, o CPS se mostra extremamente adequado para a aplicação de otimizações, sendo uma escolha eficiente para representações intermediárias, especialmente em cenários onde o desempenho é essencial.

2.2 TEORIA DE TIPOS

A Teoria de Tipos, conforme apresentada por (COQUAND, 2022), foi introduzida por Russell em 1908 ao encontrar um paradoxo na Teoria de Conjuntos, conhecido atualmente como o Paradoxo de Russell:

$$\text{Seja } R = \{x \mid x \notin x\}, \text{ então } R \in R \iff R \notin R \quad (6)$$

Ou seja, considere R como o conjunto dos conjuntos que não contêm a si mesmos. A contradição surge ao observar que, se o conjunto R contém a si mesmo, isso implica que R não contém a si mesmo, e vice-versa.

Outra maneira de descrever esse paradoxo é através do Paradoxo do Barbeiro: imagine uma cidade com apenas um barbeiro, onde ele somente barbeia aqueles que não se barbeiam. O paradoxo surge quando perguntamos: “Quem barbeia o barbeiro?” Ele não pode fazer sua própria barba, pois barbeia apenas aqueles que não fazem a própria barba. No entanto, se ele não faz sua própria barba, então pertence ao grupo daqueles que devem ser barbeados pelo barbeiro, logo, ele deveria barbear-se. Essa situação gera uma contradição semelhante ao Paradoxo de Russell.

Assim como os paradoxos na Teoria de Conjuntos expuseram a necessidade de fundamentos mais rigorosos para a matemática, a Teoria de Tipos surgiu como uma estrutura lógica para evitar inconsistências. Na computação, essa ideia se reflete nos sistemas de tipos modernos, que impedem comportamentos paradoxais ou indefinidos em programas. Por exemplo, ao restringir operações a tipos específicos, evita-se que funções sejam aplicadas a entidades incompatíveis — análogo a evitar que o barbeiro pertença ao conjunto que gera a contradição.

Atualmente, a principal aplicação da Teoria de Tipos está na formalização de sistemas de tipos para linguagens de programação. Um sistema de tipos garante a ausência de certos comportamentos dos programas classificando os valores computados em cada uma de suas sentenças (PIERCE, 2002). Além disso, atribuir e verificar tipos para cada construção presente nos programas têm várias utilidades, como fornecer informações para auxiliar na modularização de programas, otimização de código executada pelo compilador, além de poder ser usada como documentação do código.

No contexto das linguagens de programação, podemos distinguir três categorias principais de tipos: tipos simples, tipos polimórficos e tipos dependentes (PIERCE, 2002). Tipos simples atribuem um tipo fixo a cada termo, enquanto tipos polimórficos introduzem a noção de generalidade, permitindo que funções possam ser aplicadas a argumentos de diferentes tipos sem a necessidade de serem redefinidas para cada um. Já os tipos dependentes permitem que tipos dependam de valores.

Um exemplo de tipo simples é uma função que opera sobre números inteiros. Esta função recebe um número inteiro e retorna outro número inteiro. Seu tipo, portanto, é representado como $Int \rightarrow Int$, indicando que tanto a entrada quanto a saída são do tipo inteiro.

Um exemplo de polimorfismo é a função identidade, que recebe um elemento de qualquer tipo e retorna o mesmo elemento. Seu tipo é expresso como $a \rightarrow a$, onde a pode ser qualquer tipo, caracterizando o polimorfismo paramétrico. Nesse caso, a função mantém o mesmo comportamento para todos os tipos, sem necessidade de reimplementação.

Em linguagens com suporte a tipos dependentes, um exemplo seria o de um vetor cujo comprimento (número de elementos) faz parte de seu tipo. Nesse caso, uma função de concatenação de vetores deve garantir que somente vetores com tipos compatíveis em relação ao comprimento possam ser concatenados. O tipo da função de concatenação seria algo como¹ $Vector(n) \rightarrow Vector(m) \rightarrow Vector(n + m)$, onde n e m são valores que representam os comprimentos dos vetores e fazem parte da definição de tipo.

No contexto do polimorfismo, Pierce (2002) define duas principais variedades: o polimorfismo paramétrico, (como é o caso da função identidade), e o polimorfismo com sobrecarga. No primeiro, uma única definição opera genericamente, mantendo o mesmo comportamento para todos os tipos. Já no segundo, o comportamento varia conforme o tipo dos argumentos, permitindo múltiplas implementações — como na sobrecarga de operadores, onde a função selecionada depende dos tipos dos operandos.

O polimorfismo desempenha um papel crucial na inferência de tipos. Em linguagens como Haskell, o sistema de tipos deduz automaticamente tipos genéricos sempre que possível, permitindo que funções como a identidade ($\lambda x.x$, tipada como $\forall \alpha. \alpha \rightarrow \alpha$) sejam usadas de forma universal. Por outro lado, funções com restrições específicas ilustram o polimorfismo com sobrecarga. Por exemplo, a função de soma no Listing 2.3, originalmente definida como $Int \rightarrow Int \rightarrow Int$, pode ser generalizada para operar sobre quaisquer tipos numéricos utilizando classes de tipos. Isso é alcançado ao substituir a tipagem explícita por uma restrição como `Num a => a -> a -> a`, onde `Num a` indica que `a` deve pertencer à classe de tipos numéricos.

Em Haskell, classes de tipos são mecanismos que habilitam o polimorfismo de sobrecarga. A função `sumList`, por exemplo, (Listing 2.7) é definida com a restrição `Num a`, permitindo que opere sobre listas de inteiros, `Float`, `Double` ou outros tipos numéricos. Essa abordagem combina flexibilidade e segurança: o polimorfismo com sobrecarga garante que a função generalize seu comportamento apenas dentro de um domínio específico (e.g., números), evitando inconsistências.

```
1 sumList :: (Num a) => [a] -> a
2 sumList [] = 0
3 sumList (x : xs) = x + sumList xs
```

Listing 2.7 – Função somatório de elementos de lista em Haskell

¹ A notação exata pode variar entre diferentes linguagens de programação que suportam tipos dependentes. A estrutura apresentada serve apenas como uma ilustração conceitual do comportamento esperado.

2.3 CÁLCULO LAMBDA SIMPLESMENTE TIPADO

O Cálculo Lambda Simplesmente Tipado é uma das primeiras e mais simples variantes do Cálculo Lambda que incorpora tipos em sua estrutura (CHURCH, 1940). Enquanto o cálculo lambda original não faz distinção entre diferentes tipos de dados, no Cálculo Lambda Simplesmente Tipado os termos são anotados com tipos. Cada função recebe e retorna valores de tipos específicos, o que permite prevenir uma série de erros comuns em programas, como a aplicação de funções a argumentos incorretos. Além disso, o sistema de tipos serve como uma ferramenta de verificação durante a compilação de programas, assegurando que erros de tipo sejam detectados antes da execução. Dessa forma, ele não apenas facilita a criação de software mais robusto, mas também oferece uma base formal para o estudo de linguagens de programação (PIERCE, 2002).

A sintaxe básica do Cálculo Lambda Simplesmente Tipado inclui:

- Variáveis: x, y, z, \dots
- Tipos: $T ::= \mathbf{Int} \mid \mathbf{Bool} \mid T \rightarrow T$
- Termos: $\lambda x : T. \tau \mid \tau_1 \tau_2 \mid x$

No Cálculo Lambda Simplesmente Tipado, cada variável possui um tipo atribuído e os termos são construídos com base nesses tipos. Por exemplo, a abstração de função $\lambda x : T. \tau$ define uma função onde a variável x é de tipo T e o corpo da função, τ , é um termo. A aplicação de função $\tau_1 \tau_2$ indica que τ_1 é uma função que é aplicada ao argumento τ_2 , o qual deve ter um tipo compatível com o tipo esperado por τ_1 . Essa formalização facilita a composição de funções e o raciocínio sobre a estrutura dos programas, pois cada termo pode ser avaliado dentro de um contexto de tipagem. A sintaxe dos tipos, como $T \rightarrow T$, define uma função que aceita um argumento do tipo T e retorna um valor também do tipo T .

A inferência de tipos no Cálculo Lambda Simplesmente Tipado assegura que cada expressão tenha um tipo bem-definido, baseado nas regras de tipagem. A tipagem de termos é feita através de um conjunto de regras formais que garantem a consistência dos tipos no programa. Por exemplo, a regra de tipagem para abstrações lambda é a seguinte:

$$\frac{\Gamma, x : T_1 \vdash \tau : T_2}{\Gamma \vdash (\lambda x : T_1. \tau) : T_1 \rightarrow T_2}$$

Isso significa que, se o termo τ possui o tipo T_2 sob o contexto onde x possui o tipo T_1 , então a abstração $\lambda x : T_1. \tau$ tem o tipo $T_1 \rightarrow T_2$. Essa verificação de tipo garante que, ao aplicar a função, o tipo do argumento corresponde ao tipo esperado pela função.

O Cálculo Lambda Simplesmente Tipado está intimamente relacionado com a lógica intuicionista proposicional. Esse vínculo é formalizado pela Correspondência Curry-Howard, que estabelece uma correspondência direta entre proposições lógicas e tipos, e entre provas e programas. Em outras palavras, tipos podem ser interpretados como proposições lógicas, e

termos tipados como provas dessas proposições (PIERCE, 2002). Por exemplo, o tipo $A \rightarrow B$ no Cálculo Lambda Simplesmente Tipado pode ser visto como a implicação lógica “se A , então B ”. Assim, uma função que aceita um argumento do tipo A e retorna um valor do tipo B é equivalente a uma prova de que A implica em B . Esse princípio permite usar ferramentas da teoria de tipos para construir provas formais de teoremas em lógica intuicionista, fornecendo uma base teórica robusta para assistentes de prova automatizados, como o Coq (COQUAND; HUET, 1988).

Além disso, a Correspondência Curry-Howard não apenas conecta tipos e lógica, mas também oferece um método sistemático para projetar e raciocinar sobre sistemas de inferência de tipos, garantindo que programas tipados sejam corretos em relação às especificações lógicas. A inferência de tipos desempenha um papel fundamental na programação funcional moderna, sendo inicialmente introduzida com a linguagem ML por Damas e Milner (1982), com o algoritmo W. A linguagem Haskell estende o sistema Damas-Milner, adicionando principalmente o suporte a sobrecarga de funções.

2.4 SISTEMA DAMAS-MILNER

O sistema Damas-Milner, introduzido por Robin Milner e posteriormente formalizado em maior detalhe por Luis Damas (MILNER, 1978; DAMAS; MILNER, 1982), é um dos sistemas de tipos mais influentes para linguagens funcionais. Este sistema tem como principal característica a inferência automática de tipos polimórficos, sem a necessidade de anotações explícitas por parte do programador, ocorrendo em linguagens como ML, Haskell e OCaml. A sua base é o cálculo lambda com polimorfismo paramétrico, introduzido via `let`, permitindo que funções possam operar sobre múltiplos tipos de maneira genérica.

A introdução do sistema Damas-Milner trouxe duas contribuições principais: a definição de um sistema de tipos robusto e a criação de um algoritmo, o Algoritmo W, capaz de inferir o tipo mais geral (também chamado de *principal type-scheme*), conforme demonstrado em Damas (1984). O algoritmo é consistente e completo em relação ao sistema de tipos: a consistência assegura que todo tipo inferido é correto, ou seja, pode ser derivado pelo sistema de tipos; já a completude garante que qualquer tipo derivado pelo sistema será uma instância do tipo inferido pelo algoritmo. Como resultado, a linguagem ML e suas derivadas se tornaram notórias por fornecer ao programador a capacidade de escrever programas sem erros de tipo detectáveis durante a compilação, permitindo um desenvolvimento mais seguro e robusto (MILNER, 1978; DAMAS, 1984).

A sintaxe do sistema Damas-Milner define as expressões e os tipos usados no processo de inferência. Abaixo, segue a gramática das expressões e tipos:

Variáveis	x
Expressões	$e ::= x \mid e' \mid \lambda x.e \mid \text{let } x = e \text{ in } e'$
Variáveis de tipo	α
Tipos primitivos	ι
Tipos	$\tau ::= \alpha \mid \iota \mid \tau \rightarrow \tau$
Schemes	$\sigma ::= \forall \alpha.\sigma \mid \tau$

Na sintaxe, x representa variáveis que podem ser nomes de qualquer identificador, e descreve expressões que podem ser variáveis, aplicações de função, funções anônimas ou declarações `let`, que introduzem polimorfismo através de generalização de tipos. α é usado para representar variáveis de tipos. Os tipos primitivos ι são usados para representar tipos constantes. Tipos τ podem ser tanto variáveis de tipo quanto funções entre tipos. Por fim, σ denota *schemes*, ou tipos polimórficos, que podem quantificar variáveis de tipo, permitindo reutilização de variáveis de tipos em diferentes contextos.

O polimorfismo no sistema Damas-Milner é introduzido pelas expressões `let`, que permitem a generalização de tipos. Ao declarar uma variável ou função usando `let`, o tipo inferido é generalizado para ser utilizado de maneira polimórfica na expressão que ocorre após o `in`. Isso significa que, ao declarar uma função como `let id = $\lambda x.x$` , o sistema deduz o tipo mais geral $\forall \alpha.\alpha \rightarrow \alpha$, que pode ter sua variável de tipo α instanciada para diferentes tipos conforme for necessário.

A inferência de tipos envolve dois processos principais: generalização e instanciação. A generalização ocorre quando o sistema identifica que uma expressão pode ser tipada com um tipo mais geral, permitindo que seja reutilizada de maneira polimórfica. Já a instanciação ocorre quando um tipo polimórfico é aplicado a um tipo concreto, especializando-o para um uso específico. Esse mecanismo garante a flexibilidade do sistema, ao mesmo tempo que mantém a segurança garantida pela inferência de tipos. Por exemplo, considere a expressão `let id = $\lambda x.x$ in (id 1, id 'a')`. O sistema generaliza o tipo de `id` para $\forall \alpha.\alpha \rightarrow \alpha$, e instancia este tipo tanto para inteiros quanto para caracteres nas duas aplicações subsequentes.

Outro conceito presente no sistema Damas-Milner é a substituição de tipos, onde estes são mapeados para outros tipos ou para variáveis de tipo. Formalmente, uma substituição de tipos é representada como um mapeamento finito de variáveis de tipo para tipos, denotado por S , e pode ser escrito na forma $[\alpha_1 \mapsto \tau_1, \alpha_2 \mapsto \tau_2, \dots, \alpha_n \mapsto \tau_n]$. Aqui, α_i são variáveis de tipo distintas e τ_i são os tipos correspondentes. Em outras palavras, S associa cada variável de tipo α_i a um tipo τ_i específico.

A aplicação de uma substituição S em um tipo τ , denotada por $S\tau$, resulta na substituição de todas as ocorrências livres de α_i em τ por τ_i . Esse conceito de substituição é fundamental para o processo de instanciação de tipos, que será discutido a seguir. A definição formal da aplicação de substituições é dada por:

$$\begin{aligned}
S\alpha_i &\equiv \tau_i, \\
S\alpha &\equiv \alpha, \quad \text{se } \alpha \notin \{\alpha_1, \alpha_2, \dots, \alpha_n\}, \\
S(\tau_1 \rightarrow \tau_2) &\equiv S\tau_1 \rightarrow S\tau_2, \\
S(\forall \alpha. \sigma) &\equiv S'\sigma, \quad \text{onde } S' = S \setminus [\alpha \mapsto _].
\end{aligned}$$

Figura 2 – Regras de aplicação da substituição de tipos

Fonte: (SILVA, 2019)

onde o símbolo de subtração de conjuntos (\setminus) indica que a substituição S' é a substituição S restrita ao conjunto de mapeamentos que não envolvem a variável α .

A instanciação de tipos é um processo em que um esquema de tipo $\sigma = \forall \alpha_1 \dots \alpha_m. \tau$ é transformado em um tipo específico substituindo suas variáveis quantificadas por tipos concretos. Se S é uma substituição, então $S\sigma$ é o esquema de tipo obtido substituindo cada ocorrência livre de α_i em σ por τ_i , renomeando as variáveis genéricas de σ , se necessário. O tipo resultante $S\sigma$ é chamado de uma instância de σ (DAMAS; MILNER, 1982). Esse processo é essencial para adaptar esquemas de tipos polimórficos a situações específicas em um programa, mantendo a flexibilidade e segurança do sistema de tipos.

Um esquema de tipo também pode ter uma instância genérica $\sigma' = \forall \beta_1 \dots \beta_n. \tau'$, se existir uma substituição $[\tau_i/\alpha_i]$ tal que $\tau' = [\tau_i/\alpha_i]\tau$, e as variáveis β_j não aparecem livres em σ . Nesse caso, escrevemos $\sigma > \sigma'$, indicando que σ é mais geral do que σ' . Vale notar que a instanciação atua sobre variáveis livres, enquanto a instanciação genérica lida com variáveis ligadas.

O sistema de tipos de Damas e Milner é definido por um conjunto de regras de inferência de tipos, apresentadas na Figura 3, que são usadas para determinar os tipos das expressões no sistema. Essas regras são representadas por meio de julgamentos de tipos da forma $\Gamma \vdash e : \sigma$, onde Γ é o contexto, um conjunto de suposições com pares de variáveis e seus tipos: (e, σ) , e é a expressão sendo tipada, e σ ou τ são o tipo inferido no contexto.

As regras de inferência são interpretadas de baixo para cima. Por exemplo, na regra da tautologia (TAUT):

$$\frac{x : \sigma \in \Gamma}{\Gamma \vdash x : \sigma}$$

significa que, se em um contexto Γ , a variável x possui o tipo σ , então podemos concluir que x tem o tipo σ no mesmo contexto. Isso reflete o fato de que a associação de tipos no contexto é preservada.

Na regra de generalização (GEN), a condição de que α não seja livre em Γ assegura que o tipo generalizado não dependa de nenhum tipo específico presente no contexto. Isso permite que o tipo $\forall \alpha. \sigma$ seja usado de forma polimórfica em diferentes partes do programa.

Essas regras garantem a solidez do sistema, preservando a segurança dos tipos ao inferir automaticamente os tipos mais gerais possíveis para as expressões.

Antes de apresentar o Algoritmo W, é importante observar que ele é uma implementação

$$\begin{aligned}
\text{TAUT: } & \frac{x : \sigma \in \Gamma}{\Gamma \vdash x : \sigma} \\
\text{ABS: } & \frac{\Gamma, x : \tau \vdash e : \tau'}{\Gamma \vdash (\lambda x. e) : \tau \rightarrow \tau'} \\
\text{APP: } & \frac{\Gamma \vdash e : \tau' \rightarrow \tau \quad \Gamma \vdash e' : \tau'}{\Gamma \vdash (e e') : \tau} \\
\text{LET: } & \frac{\Gamma \vdash e : \sigma \quad \Gamma, x : \sigma \vdash e' : \tau}{\Gamma \vdash (\text{let } x = e \text{ in } e') : \tau} \\
\text{INST: } & \frac{\Gamma \vdash e : \sigma}{\Gamma \vdash e : \sigma'} \quad (\sigma > \sigma') \\
\text{GEN: } & \frac{\Gamma \vdash e : \sigma}{\Gamma \vdash e : \forall \alpha \sigma} \quad (\alpha \text{ não livre em } \Gamma)
\end{aligned}$$

Figura 3 – Regras de Inferência do sistema Damas-Milner
 Fonte: o autor. Adaptado de (DAMAS; MILNER, 1982)

prática das regras de inferência aqui descritas, usando o conceito de unificação para resolver as equações de tipo geradas durante a inferência. A seguir, será discutido em detalhes o funcionamento do Algoritmo W.

2.4.1 Algoritmo W

O Algoritmo W, introduzido em Damas e Milner (1982), é um algoritmo eficiente² para inferência de tipos em linguagens de programação funcional. Ele se baseia no processo de unificação para solucionar equações de tipos geradas durante a análise de expressões, atribuindo os tipos mais gerais possíveis, ou seja, os tipos mais polimórficos que ainda garantem a consistência do sistema.

A unificação é o processo de encontrar uma substituição de variáveis de tipo que torna dois tipos dados equivalentes. Formalmente, dados dois tipos τ_1 e τ_2 , a unificação procura uma substituição S tal que $S\tau_1 = S\tau_2$. Se tal substituição existe, os tipos são considerados unificáveis e S é chamada de solução unificadora. Caso contrário, os tipos são incompatíveis.

² Embora seja eficiente na grande maioria dos casos, há situações em que o Algoritmo W apresenta desempenho exponencial, como ocorre em expressões com recursão polimórfica, conforme discutido em (VASCONCELLOS, 2004).

O algoritmo de unificação, *unify*, descrito na Figura 4, gera a unificação mais geral possível, operando recursivamente sobre a estrutura dos tipos. Ele verifica se os tipos são idênticos, se uma variável de tipo pode ser substituída por outro tipo, ou, no caso de tipos compostos, se suas partes podem ser unificadas independentemente.

Figura 4 – Algoritmo de unificação no formato de função.

```

unify( $\alpha$ ,  $\alpha$ ) =
    retorna [ ]
unify( $\alpha$ ,  $\tau$ ) =
    se occurs( $\alpha$ ,  $\tau$ ), então
        falha
    senão
        retorna [ $\alpha \mapsto \tau$ ]
unify( $\tau$ ,  $\alpha$ ) =
    se occurs( $\alpha$ ,  $\tau$ ), então
        falha
    senão
        retorna [ $\alpha \mapsto \tau$ ]
unify( $\tau_1 \rightarrow \tau_2$ ,  $\tau'_1 \rightarrow \tau'_2$ ) =
    retorna unify( $\tau_1$ ,  $\tau'_1$ )  $\circ$  unify( $\tau_2$ ,  $\tau'_2$ )

```

Fonte: autor. Adaptado de (RIBEIRO; CAMARÃO, 2016)

O algoritmo *unify* faz uso da função de verificação de ocorrência *occurs* apresentado na Figura 5, que por sua vez, tem como propósito evitar substituições que introduzam ciclos, como [$\alpha \mapsto \alpha \rightarrow \alpha$], que resultaria em inconsistência no sistema de tipos (RIBEIRO; CAMARÃO, 2016). Esta função verifica recursivamente se uma variável de tipo α aparece em um tipo τ .

Figura 5 – Algoritmo de verificação de ocorrência no formato de função.

```

occurs( $\alpha$ ,  $\tau_1 \rightarrow \tau_2$ ) =
    retorna occurs( $\alpha$ ,  $\tau_1$ )  $\vee$  occurs( $\alpha$ ,  $\tau_2$ )
occurs( $\alpha$ ,  $\alpha$ ) =
    retorna Verdadeiro
occurs( $\alpha$ ,  $\tau$ ) =
    retorna Falso

```

Fonte: autor. Adaptado de (RIBEIRO; CAMARÃO, 2016)

O Algoritmo W, descrito na Figura 6 é um método utilizado para inferência de tipos em expressões de linguagens funcionais. Ele atribui os tipos mais gerais possíveis a cada

subexpressão, garantindo a consistência com as operações definidas. O algoritmo combina a unificação com regras de inferência de tipos para deduzir o tipo de uma expressão, explorando o polimorfismo de forma eficiente.

Figura 6 – Algoritmo W no formato de função.

```

W(Γ, x) =
  se Γ(x) = ∀ α1 ... αn . τ, então
    retorna ([αi ↦ τi]τ, Id), onde αi' fresh
  senão
    falha

W(Γ, e e') =
  (τ, S1) ← W(Γ, e)
  (τ', S2) ← W(S1Γ, e')
  S ← unify(S2τ, τ' → α), onde α fresh
  retorna (Sα, S ∘ S2 ∘ S1)

W(Γ, λx.e) =
  (τ, S) ← W(Γ[x : α], e), onde α fresh
  retorna (S(α → τ), S)

  (τ, S1) ← W(Γ, e)
  (τ', S2) ← W(S1Γ[x : gen(S1Γ, τ)], e')
  retorna (τ', S2 ∘ S1)

```

Fonte: (SILVA, 2019)

O funcionamento pode ser analisado para os diferentes tipos de expressões a seguir. Para uma variável x , o algoritmo verifica se existe uma atribuição de tipo para x no contexto Γ . Se x estiver associada a um tipo polimórfico da forma $\forall \alpha_1 \dots \alpha_n. \tau$, realiza-se a substituição das variáveis ligadas α_i por novos tipos frescos, que não aparecem em outros lugares do contexto, e retorna-se o tipo resultante, juntamente com a substituição identidade. Caso x não esteja no contexto, a inferência falha.

Para uma aplicação de função $e e'$, o algoritmo infere recursivamente os tipos das subexpressões e e e' . A partir desses tipos, unifica o tipo de e com um tipo função $\tau' \rightarrow \alpha$, onde α é um novo tipo variável introduzido durante a unificação. A substituição resultante é então aplicada ao tipo inferido de e e o algoritmo retorna o tipo correspondente à aplicação.

Quando a expressão é uma abstração $\lambda x.e$, o algoritmo atualiza o contexto adicionando uma nova variável de tipo para x e procede inferindo o tipo de e . O tipo função resultante, $\alpha \rightarrow \tau$,

é então retornado como o tipo inferido para a abstração.

No caso de expressões do tipo `let`, onde uma variável é definida localmente, o algoritmo primeiro infere o tipo da expressão vinculada, seguido pelo tipo do corpo da expressão. O contexto é atualizado para incluir a variável definida com um tipo generalizado, permitindo polimorfismo na expressão resultante. A generalização é aplicada ao tipo inferido, de forma que as variáveis de tipo que não estão presentes no contexto sejam quantificadas, garantindo assim um nível adequado de polimorfismo na inferência de tipos.

Essas etapas garantem que o Algoritmo W seja capaz de inferir tipos de forma eficiente, atribuindo os tipos mais polimórficos possíveis para expressões em linguagens funcionais e explorando as capacidades do sistema de tipos.

3 DESENVOLVIMENTO

Será abordado, neste capítulo, a contribuição prática do trabalho, apresentando formalização do sistema de tipos proposto, sua implementação na linguagem Haskell, e os resultados experimentais obtidos. No que diz respeito ao sistema de tipos, em virtude da limitação de tempo e da grandeza deste trabalho, não foi feito a prova de que este é correto ou completo, há somente indícios que levam a crer que o trabalho feito está correto, junto de resultados corretos em testes efetuados. Uma explicação mais detalhada sobre esta parte será dada na Seção 3.1.

Na Seção 3.2, será descrito as decisões de projeto que orientaram a implementação. O ambiente de execução utilizado foi o compilador *The Glorious Glasgow Haskell Compilation System* (GHC), na versão 9.12.2 em conjunto com o gerenciador de projetos Cabal na versão 3.14.1. O código-fonte completo está disponível publicamente no repositório *cps-type-inferer*¹ do GitHub. Na Seção 3.2, terá um aprofundamento maior na implementação.

Considerações, como resultados e descobertas importantes, serão entradas em detalhes na Seção 3.3, onde será discutido sobre a relevância das contribuições e próximos passos a serem tomados em relação a esta pesquisa na seção 3.4.

3.1 FORMALIZAÇÃO

Em razão da natureza mais prática deste trabalho, a notação utilizada para representar o cálculo de continuções será a mesma utilizada por (APPEL; JIM, 1997), a sintaxe do ‘let’. O sistema de tipos formalizado aqui foi fortemente inspirado no sistema de Damas e Milner, explicado na Seção 2.4, tendo as regras adaptadas de modo que elas se enquadrem no sistema polimórfico baseado em continuções.

A sintaxe do sistema conta com expressões e tipos usados no processo de tipagem e de inferência de tipos. Abaixo², segue a gramática das expressões e tipos presentes:

Átomos	a	$::=$	$x \mid n$
Comandos	b	$::=$	$x(\vec{a}) \mid \text{let } x(\vec{x}) = b \text{ in } b$
Monotipo	τ	$::=$	$\alpha \mid \text{int} \mid \neg \vec{\tau}$
Politipo	σ	$::=$	$\forall \vec{\alpha}. \tau$
Contexto	Γ	$::=$	$\cdot \mid \Gamma, x: \sigma$

Na sintaxe apresentada, a representa os átomos. Isto é, variáveis (x) literais inteiros (n) formam os elementos primitivos do sistema. Os comandos b , por sua vez, são as expressões,

¹ <<https://github.com/bidinpithecus/cps-type-inferer>>

² Vale destacar que, todas as formalizações presentes aqui nesta seção, foram feitas pelo coorientador em reunião juntamente do autor, onde esse explicava suas motivações para atingir o resultado. Ainda, no momento da produção deste trabalho, não foi feita uma publicação contendo estas formalizações para que haja refências o apontando.

explicadas com mais detalhes na Seção 2.1.1, sendo a primeira o *jump*, e a segunda o *binding*. Três elementos distintos compõem os tipos presentes neste sistema. Os monotipos (τ), são os tipos que não possuem quantificação, ou seja, são monomórficos, podendo ser variáveis de tipo (α), tipos numéricos inteiros (`int`), ou ainda, tipos negados ($\neg \vec{\tau}$). Já os politipos (σ), são responsáveis por garantir a quantificação universal de variáveis de tipos, ou seja, os tipos polimórficos. Por fim, o contexto (Γ) contém o mapeamento de cada variável para um politipo (σ).

As regras sintáticas de tipagem do sistema de tipos, contando com elementos também presentes no Sistema Damas-Milner são ilustrados a seguir:

$$\boxed{\Gamma \vdash a : \tau}$$

$$\frac{x : \sigma \in \Gamma \quad \sigma \sqsubseteq \tau}{\Gamma \vdash x : \tau} [\text{Var}]$$

$$\frac{}{\Gamma \vdash n : \text{int}} [\text{Int}]$$

Aqui, para os átomos do sistema, a partir da regra [Var] é esperado que as variáveis, como vêm do contexto, tenham um tipo polimórfico σ . Existe ainda um tipo monomórfico τ que, a partir da relação de ordem \sqsubseteq , será originado a partir do σ . Assim, em um contexto Γ , uma variável x terá tipo τ caso esta tenha um tipo *sigma* neste contexto.

A regra [Int], é bem direta ao ponto. Em um contexto *Gamma*, um literal inteiro terá um tipo `int`.

$$\boxed{\Gamma \vdash b}$$

$$\frac{\Gamma \vdash k : \neg \vec{\tau} \quad \Gamma \vdash \vec{a} : \vec{\tau}}{\Gamma \vdash k(\vec{a})} [\text{Jump}]$$

$$\frac{\Gamma, \vec{x} : \vec{\tau} \vdash c \quad \Gamma, k : \bar{\Gamma}(\neg \vec{\tau}) \vdash b}{\text{let } k(\vec{x}) = c \text{ in } b} [\text{Bind}]$$

3.2 IMPLEMENTAÇÃO

3.3 RESULTADOS

3.4 CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

- AHO, Alfred V et al. **Compiladores: Princípios, técnicas e ferramentas**. 2th. ed. São Paulo, SP, Brasil: Pearson Education, 2008. Citado na página 15.
- APPEL, Andrew W. **Compiling with continuations**. USA: Cambridge University Press, 1992. ISBN 0521416957. Citado 2 vezes nas páginas 15 e 18.
- APPEL, Andrew W; JIM, Trevor. Shrinking lambda expressions in linear time. **J. Funct. Prog.**, Cambridge University Press (CUP), v. 7, n. 5, p. 515–540, set. 1997. Citado 2 vezes nas páginas 19 e 31.
- CHURCH, Alonzo. A set of postulates for the foundation of logic. **Annals of mathematics**, JSTOR, p. 346–366, 1932. Citado na página 16.
- CHURCH, Alonzo. A formulation of the simple theory of types. **J. Symb. Log.**, Cambridge University Press (CUP), v. 5, n. 2, p. 56–68, 1940. Citado na página 23.
- COOPER, Keith D; TORCZON, Linda. **Contruindo Compiladores**. 2th. ed. [S.l.]: Elsevier, 2014. Citado na página 15.
- COQUAND, Thierry. Type Theory. In: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (Ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. [S.l.]: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2022. Citado na página 21.
- COQUAND, Thierry; HUET, Gérard. The calculus of constructions. **Information and Computation**, v. 76, n. 2, p. 95–120, 1988. Citado na página 24.
- DAMAS, Luis. **Type assignment in programming languages**. Tese (Doutorado) — University of Edinburgh, 1984. Citado na página 24.
- DAMAS, Luis; MILNER, Robin. **Principal type-schemes for functional programs**. Tese (Doutorado) — University of Edinburgh, Scotland, 1982. Citado 3 vezes nas páginas 24, 26 e 27.
- FLANAGAN, Cormac et al. The essence of compiling with continuations. **SIGPLAN Not.**, Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, v. 28, n. 6, p. 237–247, jun 1993. ISSN 0362-1340. Disponível em: <<https://doi.org/10.1145/173262.155113>>. Citado 2 vezes nas páginas 12 e 19.
- KENNEDY, Andrew. Compiling with continuations, continued. In: . [S.l.]: Association for Computing Machinery, 2007. Citado na página 12.
- MILNER, Robin. A theory of type polymorphism in programming. In: **Journal of Computer and System Sciences**. [S.l.]: Elsevier, 1978. v. 17, n. 3, p. 348–375. Citado na página 24.
- MORRISETT, Greg et al. From system f to typed assembly language. **ACM Trans. Program. Lang. Syst.**, v. 21, n. 3, p. 527–568, 1999. Citado na página 12.
- MUCHNICK, Steven S. **Advanced Compiler Design and Implementation**. Oxford, England: Morgan Kaufmann, 1997. Citado na página 16.
- PIERCE, Benjamin C. **Types and Programming Languages**. [S.l.]: The MIT Press, 2002. Citado 4 vezes nas páginas 21, 22, 23 e 24.

PLOTKIN, G.D. Call-by-name, call-by-value and the λ -calculus. **Theoretical Computer Science**, v. 1, n. 2, p. 125–159, 1975. Citado na página 12.

RIBEIRO, Rodrigo; CAMARÃO, Carlos. A mechanized textbook proof of a type unification algorithm. In: CORNÉLIO, Márcio; ROSCOE, Bill (Ed.). **Formal Methods: Foundations and Applications**. Cham: Springer International Publishing, 2016. p. 127–141. ISBN 978-3-319-29473-5. Citado na página 28.

SILVA, Rafael Castro Gonçalves. **Uma Certificação em Coq do Algoritmo W Monádico**. Dissertação (Mestrado) — UDESC, 2019. Citado 2 vezes nas páginas 26 e 29.

SØNDERGAARD, Harald; SESTOFT, Peter. Referential transparency, definiteness and unfoldability. **Acta Inform.**, v. 27, n. 6, 1990. Citado na página 13.

THIELECKE, Hayo. **Categorical Structure of Continuation Passing Style**. 1997. Citado 3 vezes nas páginas 12, 13 e 18.

TORRENS, Paulo Henrique. **Um Cálculo de Continuações com Tipos Dependentes**. Dissertação (Mestrado) — UDESC, 2019. Citado na página 20.

VASCONCELLOS, Cristiano Damiani. **Inferência de Tipos com Suporte para Sobrecarga Baseada no Sistema CT**. Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. Citado na página 27.